

HARPA D'ISRAEL: O DILEMA DAS TRADUÇÕES DA BÍBLIA NO BRASIL E A CONTRIBUIÇÃO DO MACKENZIE

*Daniel Santos**

RESUMO

Este artigo tem como objetivo descrever, sintetizar e avaliar as principais contribuições da tradução dos Salmos feita por Francisco Rodrigues dos Santos Saraiva, antigo professor do Mackenzie College, intitulada *Harpa d'Israel*. A obra foi publicada em 1898, tendo como editor o Rev. George W. Chamberlain. O artigo não tem um caráter histórico, mas exegético. Após fazer uma descrição dos principais aspectos da obra, o autor prossegue com uma avaliação das chamadas “discrepâncias” que Saraiva fez questão de identificar e resolver em sua obra.

PALAVRAS-CHAVE

Harpa d'Israel; Francisco Rodrigues dos Santos Saraiva; Tradução dos Salmos; Mackenzie College.

INTRODUÇÃO

A obra que é o objeto de estudo deste artigo, *Harpa d'Israel*, foi uma nova tradução do livro dos Salmos produzida por Francisco Rodrigues dos Santos Saraiva e publicada por George W. Chamberlain em 1898 com o seguinte título:

Harpa d'Israel: nova tradução dos Salmos, tirada do texto hebreu, seguida de anotações, em que são apontadas, discutidas e elucidadas numerosas discrepân-

* Professor de Antigo Testamento no Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper. Obteve seu Ph.D. pela Trinity Evangelical Divinity School (EUA, 2006) e especializou-se em seus estudos pós-doutorais na literatura sapiencial do Antigo Testamento no Wycliffe Hall (Oxford, 2014). O autor reconhece e agradece a contribuição do seu assistente de pesquisa Geimar Lima na compilação deste artigo.

cias entre a Vulgata Latina, versão de Antônio Pereira de Figueiredo, e o texto original hebreu.¹

Saraiva tem uma história misteriosa, no sentido de ter deixado diversos dados sobre sua vida pessoal difíceis de serem verificados com plena certeza. Rabuske resume bem algumas informações iniciais sobre o nascimento e infância de Saraiva:

Parece que podemos fixar dele, sumariamente, que foi filho de dona Rita Rolla e do sr. Antônio dos Santos Saraiva, rabino espanhol, originário da Síria. Seu nascimento ocorreu em Vila Seca de Armamar, num distrito do Viseu, na província da Beira Alta, em Portugal, aos 22 de fevereiro de 1834.²

Saraiva aparentemente foi dedicado ao sacerdócio católico romano por seus pais, mas posteriormente abjurou-o num manifesto público em 1875.³ Após ter concluído sua formação em Coimbra, Rabuske nos diz que Saraiva, provavelmente com 20 anos de idade, não pôde ser ordenado presbítero por não ter alcançado a idade para isso. Por várias razões relacionadas a isso, ele seguiu para Londres, onde teve a oportunidade de estudar com as maiores autoridades da época os idiomas fenício, hebraico, latim, siríaco, árabe e grego.⁴ Veio para o Brasil em 1860, trabalhando inicialmente em Morro Velho (MG) e São Francisco de Paula (RS). A seguir passou algum tempo em Portugal.

Após retornar ao Brasil, residiu e atuou em diversas províncias, tendo inclusive se encontrado com o imperador D. Pedro II para uma longa e memorável conversa. Em 20 de maio de 1892, Saraiva chegou à capital paulista com as piores impressões sobre a cidade. Foi nessa ocasião que teve início a sua relação com o Mackenzie College.

Tendo má impressão da cidade, deliberou retirar-se para o Rio. O rev. Chamberlain, porém, que em 1888 o havia procurado em sua herdade de Santa Catarina, para lhe confiar a revisão da tradução da Bíblia, missão que não levou a efeito, persuadiu-o a que ficasse, obtendo-lhe o lugar de professor na Escola Americana, de onde mais tarde foi transferido para o Mackenzie.⁵

¹ SARAIVA, Francisco Rodrigues dos Sanctos. *Harpa d'Israel ou Psaltério: nova tradução dos Psalmos, tirada do texto hebreu*. São Paulo: Typ. de Vanorden & Comp., 1898. Versão digitalizada da Majority World Collection, arquivada na Universidade de Princeton, USA. Acesso via <https://archive.org/details/harpadisraelnova00sant/>.

² RABUSKE, Arthur. "Francisco Rodrigues dos Santos Saraiva: algo de sua vida e obra, máxime no Rio Grande do Sul". *Perspectiva Teológica*, v. 8 (1976), p. 31.

³ Ibid., p. 33.

⁴ Ibid., p. 35.

⁵ Ibid., p. 45.

De 1894 a 1895, Saraiva produziu a tradução do livro dos Salmos diretamente do hebraico, intitulada *Harpa d'Israel*. A edição da obra foi realizada pelo Rev. Chamberlain em 1898. Imprimiu duas mil cópias, sendo que todas elas vinham numeradas e rubricadas com a assinatura do autor e do editor. A cópia usada para este artigo foi a de número 260. A edição foi dedicada ao Mackenzie College nos seguintes termos:

Ao Collegio Protestante (Mackenzie College) da cidade de S. Paulo (Brasil), adoptando por timbre de sua missão khristan, benefica e civilisadora, o moto “*As Sciencias Divinas e Humanas*”, e tendo philanthropica e desinteressadamente tanto a peito a educação e instrucção da mocidade brasileira [sic].

1. O QUE MOTIVOU A NOVA TRADUÇÃO DOS SALMOS?

Na introdução da obra, Saraiva faz uma compilação de diversas situações que culminaram na necessidade de uma nova tradução. A primeira delas tem a ver com o avanço do conhecimento nesse campo de estudo, “... os recentes conhecimentos, adquiridos em filologia, lexicografia e arqueologia hebraicas”.⁶ Saraiva menciona diversas tentativas que foram feitas de atualizar as traduções com as descobertas recentes, mas, segundo ele, todas malograram. A segunda situação que o motivou a empreender uma nova tradução foi o limitado leque de opções disponível em língua portuguesa. Na época em que a *Harpa d'Israel* foi produzida, havia somente duas versões da Bíblia em português circulando no Brasil: a) a versão produzida pelo ministro evangélico João Ferreira de Almeida, da Batávia, em 1748, com a colaboração do holandês Jacob den Akker, versão essa feita diretamente do texto hebraico e usada principalmente pelos protestantes no Brasil; b) a versão produzida pelo padre Antônio Pereira de Figueiredo em 1783, com base na Vulgata Latina, que era usada primariamente pelos católicos romanos, mas também por alguns protestantes por falta de opção.

Ambas as versões estavam eivadas de vícios. Segundo Saraiva, as revisões que tinham sido feitas não passavam de “remendos de pano novo em fato velho”.⁷ No caso da versão de Antônio Pereira de Figueiredo, que era baseada na Vulgata, Saraiva afirma que “raro é, na Vulgata Latina, o salmo que no todo corresponda fielmente ao texto original; porque ora se encontram ali erros de inteligência e de tradução, ora acréscimos e, não poucas vezes, omissões”.⁸

Em termos gerais, a motivação maior de Saraiva acabou sendo revelada no âmbito das trocas de acusações entre católicos romanos e protestantes a respeito da credibilidade do texto bíblico utilizado por cada uma das partes.

⁶ SARAIVA, *Harpa d'Israel*, p. x.

⁷ *Ibid.*, p. xi.

⁸ *Ibid.*, p. xii.

Saraiva, argumentando do lado protestante, faz questão de pontuar que as chamadas “alterações e infidelidades interpoladas nas Bíblias dos protestantes” são um argumento muito mais forte contra os católicos quando é feita uma análise mais criteriosa e informada no trabalho de Antônio Pereira de Figueiredo. Para Saraiva, as premissas para a superioridade da Vulgata Latina sobre o texto hebraico, quando discrepâncias eram encontradas, eram absurdas. Como podem preferir a Vulgata como texto original, sob o falso pressuposto de que ela está fundamentada na versão grega da Septuaginta (LXX), a tradução mais antiga do texto hebraico, e que, por isso, deve ter usado um texto hebraico diferente do que temos hoje, fazendo da Vulgata a única testemunha verdadeira das Escrituras Sagradas? “Não pode dar-se afirmativa mais paradoxal! A crítica e o bom senso protestam contra tão cerebrino disparate”.⁹

Dessa forma, seria apropriado afirmar que a nova tradução produzida por Saraiva, mais do que simplesmente oferecer uma alternativa adicional ao público de fala portuguesa, ofereceu uma resposta às constantes críticas pronunciadas por líderes católicos romanos no Brasil contra a versão utilizada pelos protestantes.

2. QUAIS SÃO OS CRITÉRIOS UTILIZADOS NA TRADUÇÃO?

O primeiro critério apresentado por Saraiva tenta resolver o problema da grande diferença estrutural do hebraico para o português. Sempre que a poesia hebraica permitia fazer uma correspondência gramatical com o português, Saraiva preservou aspectos estruturais da poesia hebraica; quando isso não era possível, “tive que afastar-me da letra, fazendo antes por exprimir o pensamento do autor, naqueles lugares em que a expressão literal é alheia à índole e aos dizeres da nossa linguagem”.¹⁰ Na prática, isso significa que Saraiva tentou preservar o quanto pode o que ele chama de “características externas do paralelismo” em uso na poesia hebraica. O caminho para conseguir essa proeza foi a utilização dos sinais massoréticos do texto hebraico.

Com respeito aos títulos dos salmos, Saraiva afirma:

[...] as epígrafes e indicações musicais dos salmos oferecem, na verdade, maiores dificuldades e dúvidas, sendo muitas vezes diversa a inteligência, ainda entre os intérpretes e críticos modernos; tomei a que me pareceu mais provável ou a que seguem os mais abalizados. Mais de uma vez fui forçado a recorrer à interrogação (?), como sinal de dúvida insolúvel.¹¹

⁹ Ibid., p. xiii.

¹⁰ Ibid., p. xiv.

¹¹ Ibid., p. xiv-xv.

O segundo critério importante na tradução de Saraiva tem a ver com a estrutura básica do sistema verbal hebraico. Segundo ele, os gramáticos antigos ignoraram as peculiaridades do hebraico ao modelar a língua com modelos das línguas clássicas indo-europeias, “dando à forma perfeita o nome de *pretérito*, e à imperfeita, o de *futuro*”. Isso levou os intérpretes da Bíblia a graves erros e infidelidades na tradução.¹² Considerando que a LXX traduziu sistematicamente a forma perfeita pelo aoristo e a imperfeita pelo futuro (uma prática que a Vulgata segue servilmente), erros grosseiros de interpretação foram feitos, fazendo desaparecer do texto a graça, a vivacidade e a força do original, sem falar que muitas vezes o tornaram incompreensível. Saraiva segue o que ele chama de

[...] A verdadeira doutrina a respeito da natureza do verbo hebraico, foi-nos revelada por Gesenius, e mormente por Ewald, a quem seguem hoje todos os gramáticos da língua hebraica. Segundo os princípios deste famoso hebraísta, proficientemente desenvolvidos por S. R. Driver, de Oxford, ficou estatuído que o verbo hebreu não tem propriamente tempos.¹³

Um terceiro critério bastante polêmico na tradução de Saraiva foi a decisão de atualizar e rever a forma como os nomes e substantivos próprios foram vertidos para o português. No topo da lista está o nome de Deus. Saraiva se recusa a aceitar a argumentação comumente usada por judeus ortodoxos de que a pronúncia foi perdida em definitivo e que a melhor opção seria usar as vogais do nome Adonai para preencher o tetragrama. Saraiva afirma que os tradutores que aceitaram essa opção “tornaram-se cúmplices da superstição ou inconveniência judaica”.¹⁴ Embora entenda não ser realmente possível resgatar a verdadeira vocalização do nome de Deus, Saraiva faz uma avaliação de todas as possibilidades disponíveis e conclui que usará a forma *Iah^avéh* ou *Iah'véh*. Com respeito aos demais nomes próprios usados no saltério, Saraiva pôde se beneficiar de estudos recentes à sua disposição para resolver as inúmeras discrepâncias entre a Vulgata Latina (e a versão de Antônio Pereira de Figueiredo) e o texto original hebraico. Dentre eles, cita com destaque a tradução do saltério feita por Baer, prefaciada por ninguém menos que o famoso Franz Delitzsch (edição de Tauchnitz, 1868). Saraiva preparou uma lista comparativa dos nomes com o seguinte título: “Advertência prévia, ortográfica, fonética e prosódica, sobre os nomes próprios, empregados no texto dos salmos”.¹⁵ Veja a seguir uma pequena amostra dos nomes que receberam alterações profundas, retirados de uma lista muito maior.

¹² Ibid., p. xv.

¹³ Ibid., p. xvi.

¹⁴ Ibid.

¹⁵ Ibid., p. xxi.

Forma aproximada ao original	Forma popular, segundo a Vulgata Latina, a versão de Antônio Pereira de Figueiredo e a de João Ferreira de Almeida
Abh'rahám	Abrahão
Abh'xalóm	Absalão
Aharón	Aarão e Arão
Asáf	Asafe
Axxúr	Assíria
Babhél	Babilônia
Bath-xébha	Bathseba
Ben'iamín	Benjamin
Davídh	David
Hham (tendas ou terras de)	Cão
Hhorébh	Horeb
Iaaqóbh	Jacob
Iar'dén	Jordão
I'hoséf	José
I'hudháh	Judá e Judah
I'ruxaláim	Jerusalém
Moxéh	Moysés
P'léxeth	Palestina
X'lomóh	Salomão e Salamão

3. AS DISCREPÂNCIAS IDENTIFICADAS POR SARAIVA

Uma das grandes contribuições da tradução de Saraiva é, sem dúvida, as listas que foram incluídas na seção introdutória. Além da lista com a variação dos nomes, Saraiva incluiu uma seção especial contendo todos os lugares em que a Vulgata Latina e a versão de Antônio Pereira de Figueiredo apresentaram graves divergências com o texto hebraico.¹⁶ A lista identifica tais divergências em 125 dos 150 salmos, sendo que em alguns salmos há mais de uma divergência.

¹⁶ Ibid., p. xxvii.

3.1 Exemplo 1 (Salmo 1)

As traduções dos salmos foram organizadas em estrofes, e não em versículos, o que, segundo Saraiva, é um modo mais adequado de tratar a estrutura original. Assim sendo, sempre que mencionar a estrofe, colocarei entre parênteses a referência bíblica para facilitar a compreensão do leitor não familiarizado com a tradução de Saraiva.

No Salmo 1, na estrofe 1 (v. 1), a expressão hebraica ובמושב לצים é traduzida como *cathedra pestilentiae* pela Vulgata Latina e seguida pela versão de Antônio Pereira de Figueiredo como “cadeira da pestilência,” uma escolha que, segundo Saraiva, de modo nenhum representa o pensamento original, que fala de um ajuntamento de pessoas que escarnecem da lei de Deus.¹⁷ Na quarta estrofe (v. 4) a Vulgata repete por conta própria a expressão *non sic* (*Non sic impii, non sic*), sendo que no texto hebraico aparece somente uma vez a expressão לא כן. Mais uma vez, a versão de Antônio Pereira de Figueiredo segue a Vulgata: “Não assim os ímpios, não assim” (Sl 1.4). Ainda na mesma estrofe (v. 4), a Vulgata traduz o termo hebraico כֶּץ (palha) como *pulvis* (pó): “*pulvis quem projicit ventus a facie terræ*”, além de acrescentar a expressão “face da terra”, que não tem qualquer referência no original. Isso, conforme Saraiva, “desfigura a bela e enérgica imagem do texto original”. Como era de se esperar, Figueiredo segue a Vulgata literalmente: “que o vento espalha de cima da face da terra”.

3.2 Exemplo 2 (Salmo 2)

O exemplo escolhido por Saraiva no Salmo 2 ilustra as dificuldades dos tradutores com o sistema verbal do hebraico bíblico, que não estejam atualizados com as descobertas e pesquisas mais “recentes”.

Bíblia Hebraica	Vulgata	Antônio Pereira de Figueiredo
למה רגשו גוים (P)	<i>Quare fremuerunt gentes</i> (Pret)	Por que razão se embravecerão as Nações (Fut)
ולאמים יהגו ריק (Imp)	<i>et populi meditati sunt inania?</i> (Pret)	e os Povos meditarão cousas vans? (Fut)
יתיצבו מלכי ארץ (Imp)	<i>Astiterunt reges terræ</i> (Pret)	Os Reis da terra se sublevarão (Fut)
ורוונים נוסדו יחד (P)	<i>et principes convenerunt</i> (Pret)	e os Príncipes se coligarão (Fut)

Abreviaturas: (P) Perfeito, (Imp) Imperfeito, (Pret) Pretérito, (Fut) Futuro.

¹⁷ Ibid., p. 304.

A crítica levantada por Saraiva nesse caso tem a ver com o que ele define como “incapacidade das línguas indo-europeias de expressar uma atualidade indeterminada”.¹⁸ Para ele, os verbos no original se alternam entre perfeito e imperfeito, mas juntos eles comunicam essa “atualidade indeterminada” (um tempo indeterminado no presente). Tal atualidade indeterminada não foi percebida pela Vulgata e muito menos pela versão de Figueiredo. O nível de análise que Saraiva sugere nesse exemplo 2 caminha na vanguarda de seus dias, quando não era comum entre os estudiosos e exegetas protestantes considerarem o discurso como um todo.

3.3 Exemplo 3: Salmo 6

TM - Texto Massorético transliterado (6.8b)	VL - Vulgata Latina (6.8b)	HI - Harpa d'Israel (6.7b)
'ēnī 'ātēqā bēkol-šōwrrāy	<i>inveteravi inter omnes inimicos meos</i>	tem-se avelhentado por causa de todos meus opressores

Em sua tradução da estrofe 7 (v. 7), correspondente ao versículo 8 da Vulgata Latina, Saraiva corretamente traduz a preposição *bē* como “por causa de” ao invés de “no meio de”, como o faz a Vulgata.¹⁹ Porém, sua opção por traduzir o substantivo a ela vinculado como “opressores” não é a melhor escolha. Conforme assinalado por Craigie, o termo *šōwrrāy* possivelmente é derivado de *šrr* (demonstrar hostilidade)²⁰, o que torna a tradução por “adversários” ou até mesmo “inimigos” preferível.

Além disso, há evidências ao longo do salmo que indicam que a preocupação principal do salmista é seu relacionamento com Yahweh. Ele começa com uma série de petições que demonstram que Yahweh estava irado com o salmista ou, no mínimo, distante (cf. 6.2-5 do TM). Neste sentido, a tradução que Saraiva faz do termo *šōwrrāy* (*opressores*, HI), somada ao seu argumento de que “pela fé e confiança em Deus [David] triunfa, finalmente, de seus inimigos” (HI, 9), altera a preocupação central do salmista, voltando-a para uma suposta opressão dos inimigos, o que em ponto algum do salmo é corroborado por qualquer evidência e que também não justifica a declaração de confiança do salmista ao final do salmo: “Yahweh ouviu a voz do meu lamento; Yahweh ouviu a minha súplica; Yahweh acolherá a minha oração” (6.9-10 do TM).

¹⁸ Ibid., p. 305.

¹⁹ Ibid., p. 310.

²⁰ Cf. CRAIGIE, Peter. *Psalms 1-50. Word Biblical Commentary*. Dallas: Word Books, 1983, p. 91.

O que Saraiva chama de um triunfo sobre os inimigos, o salmista parece expressar como um desejo que ainda não se realizou, isto é, que eles experimentassem o mesmo que ele experimentou. Sua alma esteve *nibhālā mē'ōd* (muito perturbada), por isso deseja que seus inimigos sejam *yibbāhālū mē'ōd* (muito perturbados). Assim, é preferível perceber um salmista confiante porque Yahweh se voltou (cf. súplica *šûbâ yēhwâ* de TM, 6.5) para ele, por isso espera que seus inimigos voltem/retirem-se (cf. *yāšubû* de 6.10), quando, só então, Yahweh acolheria²¹ a sua oração.

3.4 Exemplo 4: Salmo 41

TM - Texto Massorético transliterado (41.9)	VL - Vulgata Latina (40.9)	HI - Harpa d'Israel (41.8)
<i>dēbar-bēliyya 'al yāšûq bōw wa 'āšer šākab lō'- yōwsîp lāqûm</i>	<i>Verbum iniquum constituerunt adversum me: Numquid qui dormit, non adjiciet ut resurgat?</i>	Coisa ruim se infiltrou n'ele; e quem está deitado, não tornará a se levantar.

A respeito do Salmo 41, Saraiva demonstra acurada percepção para corrigir a tradução proposta pela Vulgata Latina para a estrofe 8 (40.9 da VL²²). Enquanto esta traduz como se o salmista falasse na primeira pessoa a respeito das declarações feitas pelos seus visitantes sobre um mal futuro que o acometeria, Saraiva corretamente traduz na terceira pessoa, também demonstrando que este mal já estava sobre ele. Assim, sua tradução é a seguinte: “*Coisa ruim se infiltrou (ou derramou) n'ele (isto é, apegou-se-lhe ou deu n'ele); e quem (ou elle que) está deitado, não tornará a se levantar*” (cf. HI, p. 353).

Porém, apesar da correta tradução do texto massorético, Saraiva indica em suas anotações que o plano do salmo é “apresentar uma pessoa, gravemente enferma, amargurada pol'o esquecimento ingrato dos amigos [...] vítima da malevolencia dos adversarios, e que só em Deus busca refugio” (HI, p. 353), aparentemente não considerando os versículos iniciais que orientam a leitura do salmo.

O termo inicial *'ašrê* traduzido por Saraiva como “ditosos” exalta o indivíduo que presta atenção ou assiste à forma como o Senhor livra e protege o necessitado em seu dia mau (cf. 41.2 do TM). Claramente, como reconhecido pelo autor (cf. “sua composição [...] devia ter sido sob impressão de grave enfermidade, causada, ou pelo menos, agravada pol'a frieza e ingratidão dos

²¹ *yiqqāh* (acolherá) é o único dos três verbos que expressam a recepção do lamento do salmista por Yahweh que está no imperfeito (cf. TM, 6.9-10).

²² A VL segue a LXX na delimitação dos salmos, por isso, enquanto o TM e a HI mencionam como Salmo 41, ela o identifica como 40.

amigos”, HI, p. 353), o salmista testemunha a respeito do seu dia mau. Porém, diferente de Saraiva, que enxerga na enfermidade do salmista tanto o objetivo como o contexto da composição do salmo, este parece ser de natureza didática, objetivando exaltar o ditoso ou bem-aventurado comportamento de se observar como o Senhor cuida do necessitado neste terrível dia.

Assim, o próprio versículo que Saraiva corrige da tradução proposta pela Vulgata Latina corrobora essa ideia de que uma lição está sendo ensinada pelo testemunho do salmista. Pedagogicamente, o relato de sua experiência (41.5-9 do TM) é o testemunho do necessitado que viu em seus visitantes o comportamento oposto àquele que o salmo está ensinando. Ao invés de assistirem/considerarem como Deus cuida do necessitado, eles declaram que ele jamais poderá se levantar novamente. Eles são um exemplo dos que não enxergam a forma como o necessitado é socorrido por Yahweh no dia mau, por isso servem de contraste para o comportamento (considerar como Yahweh socorre o necessitado) que é visto como positivo e estava sendo exaltado. O próprio salmista declara que Yahweh o estava sustentando (cf. expressão “quanto a mim, tu me susténs na minha integridade” de 41.13 do TM), algo que aqueles que o visitaram não consideraram.

CONCLUSÃO

A tradução produzida por Saraiva foi um grande marco na história da recepção das traduções da Bíblia no Brasil. Seu trabalho criterioso e competente na compilação das chamadas discrepâncias estabeleceu um divisor de águas na tendência recorrente de acusar os protestantes de convenientemente alterarem em suas traduções da Bíblia porções que favoreciam seus argumentos. Para alguém com uma erudição como a de Saraiva, comentários como esses devem ter causado profunda indignação. Como vimos na breve discussão acima, essa indignação ficou evidente na linguagem às vezes utilizada na avaliação das discrepâncias. Até os dias de hoje, não tenho conhecimento de nenhuma tradução do Saltério com o mesmo nível de tratamento das variantes textuais como encontramos na *Harpa d'Israel*.

Embora não mais tenhamos a mesma necessidade de responder às acusações que motivaram a tradução de Saraiva, um espírito semelhante de segregação denominacional continua inibindo e, não poucas vezes, constringendo o uso de novas versões da Bíblia. Ao observar os argumentos em uso por alguns líderes para depreciar uma determinada tradução, sou lembrado da mesma experiência de Santos Saraiva ao concluir suas anotações introdutórias com a seguinte ressalva:

Apesar de minha boa vontade, zelo e esforços empregados, não tenho a louca presunção de ter feito uma tradução em todo o tempo perfeita. Quem dentre os inumeráveis intérpretes bíblicos, antigos ou modernos, pode gabar-se desse

privilégio e glória? Certamente nenhum. Nisto a perfeição absoluta parece ser impossível, não só por falta de correspondência completa entre as duas línguas, mais ainda por causa da obscuridade e dúvidas que às vezes oferece o texto original, dando ocasião para interpretações diversas. De um tradutor, nessas circunstâncias, não se pode esperar senão perfeição relativa. Essa, com o auxílio divino, suponho eu tê-la alcançado.²³

ABSTRACT

This article aims to describe, summarize, and evaluate the main contributions of a translation of the Psalter titled *Harp of Israel*, made by Francisco Rodrigues dos Santos Saraiva, an old professor of Mackenzie College. The translation was published in 1898 by Rev. George W. Chamberlain. The article is not mainly a historical assessment of the subject, but an exegetical appraisal of the translation and the so-called discrepancies between the Portuguese translation of Antônio Pereira de Figueredo (based on the Vulgate) and Saraiva's translation.

KEYWORDS

Harpa d'Israel; Francisco Rodrigues dos Santos Saraiva; Translation of the Psalms; Mackenzie College.

²³ SARAIVA, *Harpa d'Israel*, p. xv.